

Unção em Betânia: diálogo entre João e os Sinóticos

Anointing at Bethany: A Dialogue between John and the Synoptics

 Werlen Lopes da Silva¹

Submetido em 30/04/2025

Aceito em 06/12/2025

RESUMO

A narrativa da unção de Jesus em Betânia constitui uma perícopes significativa para compreender o diálogo do Quarto Evangelho com as tradições sinóticas. Embora João preserve elementos estruturais presentes em Marcos, Mateus e Lucas, reelabora o relato e lhe atribui um sentido teológico particular. A presença da Família de Betânia acentua o vínculo pessoal de Jesus com essa comunidade, e a identificação de Maria como aquela que unge os pés de Jesus interpreta o gesto como expressão de amor e antecipação de seu sepultamento. Mediante análise sincrônica e comparação sinótica, o estudo examina as convergências e divergências entre os relatos. Os resultados indicam que João, ao reinterpretar a tradição da unção, atribui ao episódio um caráter marcadamente cristológico. Assim, a perícopes joanina revela as prioridades teológicas do evangelista e apresenta a unção como chave hermenêutica para a compreensão da paixão.

Palavras-chave: comparação sinótica, Evangelho de João, unção em Betânia.

ABSTRACT

The narrative of the anointing of Jesus in Bethany constitutes a significant pericope for understanding the dialogue of the Fourth Gospel with the Synoptic traditions. Although John preserves structural elements found in Mark, Matthew, and Luke, he reworks the account and assigns it a distinctive theological meaning. The presence of the Bethany family highlights Jesus' personal bond with that community, and the identification of Mary as the one who anoints Jesus' feet interprets the gesture as an expression of love and an anticipation of his burial. Through synchronic analysis and Synoptic comparison, this study examines the convergences and divergences among the accounts. The results indicate that John, by reinterpreting the anointing tradition, attributes to the episode a distinctly Christological character. Thus, the Johannine pericope reveals the evangelist's theological priorities and presents the anointing as a hermeneutical key for understanding the Passion.

Keywords: synoptic comparison, Gospel of John, anointing in Bethany.

- 1 Doutor em Teologia Sistemática, área de concentração em Sagrada Escritura, pela FAJE. Professor-autor no curso de Teologia-EAD da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Brasil, e membro do Grupo de Pesquisa A Bíblia em leitura cristã. E-mail: werlen@live.com

1. Introdução

Diversas narrativas joaninas dialogam com as tradições sinóticas; todavia, apresentam adaptações que evidenciam as prioridades e a teologia do Quarto Evangelho. A perícopes da unção de Jesus em Betânia, em João 12, 1-8, constitui um exemplo dessa releitura. As convergências textuais indicam que João conhecia essas tradições e as re-trabalhou conforme sua perspectiva. Contudo, como escreve Martelli (2009, p. 227), a unção em Betânia insere-se na chamada “*prioridade joanina*”, teoria segundo a qual o relato joanino seria mais antigo e refletiria a tradição da comunidade de Betânia. Ainda assim, a dependência dos Evangelhos Sinóticos é perceptível, pois o Quarto Evangelho acolhe algumas narrativas, que adapta à sua cristologia.

Este artigo propõe uma análise comparativa da narrativa da unção de Jesus em Betânia nos Evangelhos canônicos de Mateus (26, 6-13), Marcos (14, 3-9), Lucas (7, 36-39) e João (12, 1-8), com ênfase na narrativa joanina.

2. O quarto Evangelho

O Evangelho de João, conforme observa Carson (2001, p. 151), narra a origem divina, o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus. À semelhança dos Evangelhos Sinóticos, João busca imprimir sua teologia acerca da pessoa de Jesus de Nazaré, a quem João denomina, no prólogo, como o *Logos, Palavra* (Jo 1, 1.14).² Não se trata, contudo, de uma palavra comum, mas do *Verbum, verbo*. Como assevera Konings (2005, p. 73-76), trata-se da *Palavra criadora* (Gn 1), *que veio a ser carne e habitou entre nós*. Palavra que é carne e fez sua morada em nossa casa, personificada na pessoa de Jesus (Haubeck; Siebenthal, 2009, p. 567).

Uma das peculiaridades de João é a identificação de Jesus com YHWH (1, 1-18; 20, 28), Deus de Israel, evidenciada nas declarações ‘*Eu Sou*’, que aparecem 24 vezes em seu evangelho.³ Konings explica que a expressão ‘*Eu Sou*’ pode ser compreendida como um “*auto credenciamento*”, remetendo ao episódio da vocação de Moisés (Ex 3, 11-14). No diálogo, quando Moisés pergunta a quem deve mencionar como seu mandante para falar aos filhos de Israel, YHWH não cita um nome nem título, mas declara sua presença: “Eu serei /estou contigo” (Ex 3, 12a) e, “Eu sou o que estou [...]” (Ex 3, 14b), falarás: “Eu sou me enviou a vós” (Ex 3, 14c). Em hebraico, o verbo, *ser/estar*, é um verbo de ação, que denota presença real e efetiva e não um verbo de essência e estado. De modo semelhante, Jesus não oferece outra explicação sobre sua identidade além do que diz e faz, pois sua essência se manifesta na revelação de sua presença e missão (Konings, 2005, p. 184).

Quanto à estrutura, o Evangelho de João inicia-se com (I) o *prólogo* (Jo 1, 1-18), um hino cristológico que condensa a teologia joanina sobre o *Logos*. (II) Na primeira parte, o *livro dos sinais* (Jo 1, 19-12, 50), João apresenta Jesus conduzindo as pessoas à fé nele, ao mesmo tempo, que desperta a hostilidade dos judeus. (III) Na segunda parte, o *livro da glória* (Jo 13, 1-20, 31), João revela o destino de Jesus e sua consciência sobre a hora

2 Os termos e textos em grego foram extraídos do Bible Works (2018).

3 Jo 6, 35; 8, 12; 15, 1-5; 8, 24.28.58.

em que deveria passar deste mundo para o Pai. (IV) Por fim, *no epílogo* (Jo 21, 1-25), o evangelista narra duas aparições do Cristo ressuscitado (Fabris; Maggioni, 2008, p. 256-259).⁴

O Evangelho de João distingue-se dos sinóticos no estilo e no conteúdo sendo estruturado, como escreve Brown (2004, v. II, p. 463), para enfatizar os temas selecionados por João. Geograficamente, João alterna o ministério de Jesus entre a Galileia e a Judeia, enquanto os sinóticos o situam predominantemente na Galileia, com uma passagem por Jerusalém durante a Páscoa dos judeus. Cronologicamente, João também se diferencia, estendendo o ministério de Jesus por três anos e situando sua morte às vésperas da Páscoa (Konings, 2005, p. 24). Além disso, João omite diversas narrativas dos sinóticos, como parábolas (Mt 13, 1-52; Mc 4, 1-34; Lc 8, 4-18), as narrativas da infância, igualmente omitidas por Marcos (Mt 1-2; Lc 1-2), a transfiguração (Mt 17,1-8; Mc 9, 2-8; Lc 9, 28-36), a instituição da Ceia do Senhor (Mt 26, 26-29; Mc 14, 22-25; Lc 22, 14-20). Em contrapartida, inclui narrativas exclusivas, como a ressurreição de Lázaro (Jo 11, 1-44), os discursos teológicos (Jo 13-17) e as três visitas de Jesus a Jerusalém.⁵

Além dessas diferenças, João diverge dos sinóticos em aspectos como a data da Paixão⁶ e a confissão messiânica de Jesus, que em Marcos ocorre em Cesareia de Filipe, no meio do ministério de Jesus (Mc 8, 27-30), enquanto João, a apresenta nos primeiros capítulos (Jo 1, 19). Ademais, o evangelista ressignifica algumas narrativas dos Sinóticos,⁷ preservando, contudo, os paralelos com os Evangelhos canônicos.

3. Unção em Betânia nos quatro Evangelhos Canônicos

Ao narrar a unção em Betânia (12, 1-8), João reelabora as tradições dos sinóticos, introduzindo variações significativas (Konings, 2005, p. 233). Conforme observa Carson (2001, p. 182), João reelabora a narrativa, interpretando-a à luz de suas prioridades. Assim, o episódio insere-se no debate sobre a relação entre João e os sinóticos, destacando suas particularidades teológicas. A comparação entre a narrativa joanina e as sinóticas busca destacar tanto as omissões e releituras operadas por João quanto as singularidades próprias de sua narrativa.⁸

(a) João reescreve a narrativa para expressar sua teologia, seu apreço por Jesus e o valor que lhe confere. A primeira reelaboração consiste na inserção da família de *Marta, Maria e Lázaro*. Na narrativa joanina, a unção é situada, possivelmente, na casa dessa família, a qual, conforme João 11, 1-12,11, servia como um local de encontro da comu-

4 O Evangelho de João apresenta duas conclusões: a primeira em Jo 20, 30-31 e a segunda em Jo 21, 25.

5 Jo 2, 13-25; 5, 1-47; 7, 1-10, 21; 10,22-29; 12, 12-19, 42

6 Para uma análise sobre a data da crucificação do Messias (o dia, o mês e o ano), consultar o apêndice II da obra de Brown (2004, v. II, p. 569-602).

7 Entre as narrativas sinóticas reelaboradas por João destacam-se: a *purificação do Templo* (Mc 11,15-19; Mt 21,12-17; Lc 19,45-48 // Jo 2,13-22), a *multiplicação dos pães* (Mc 6,30-44; Mt 14,13-21; Lc 9,10-17 // Jo 6,1-15), a *confissão de Pedro* (Mc 8,27-30; Mt 16,13-20; Lc 9,18-21 // Jo 6,68-69), a *unção em Betânia* (Mc 14,3-9; Mt 26,6-13; Lc 7,36-50 // Jo 12,1-8) e a *última ceia* (Mc 14,22-25; Mt 26,26-29; Lc 22,14-20 // Jo 13-17).

8 Para a leitura paralela dos quatro Evangelhos canônicos, ver as seguintes obras: ALAND (1996, p. 426-429); e Konings (2025, p. 287-288).

nidade em Betânia e casa onde Jesus se hospedava,⁹ pois eram seus amigos (Jo 11, 5) (Konings, 2005, p. 220-221). A presença de Marta, Maria e Lázaro, indicam que João conhecia a narrativa de Lucas 10, 38-42, na qual Maria é retratada como discípula, sentada aos pés do Senhor, enquanto Marta está ocupada com os serviços da casa. Os vocábulos gregos, utilizados para descrever a postura de Maria, Marta e Jesus, são semelhantes nas duas perícopes. Em Lucas 10, 39-40, Maria está sentada aos pés do Senhor, *escuta a sua palavra* (v. 39), mesma posição que ela assume em João 12, 3. Marta, por sua vez, aparece em Lucas 10, 40, exercendo serviços domésticos, um papel equivalente ao que desempenha em João 12, 2.

(b). Contudo, apesar das semelhanças, há incongruência cronológica nos relatos. Em Marcos, a unção ocorre *dois dias antes da Páscoa* (Mc 14, 1),¹⁰ enquanto João afirma que o episódio ocorreu *seis dias antes da Páscoa* (12, 1). Além disso, há divergências geográficas. Marcos, Mateus e João situam o evento em *Betânia* (Mc 26, 13a; Mt 26, 6a; Jo 12, 1a). Já Lucas não menciona a cidade, mas pelo contexto, infere-se que Jesus estava em *Naim* (Lc 7, 11), onde *levantou o jovem filho de uma viúva* (Lc 7, 14).

(c). Sobre o local do jantar, João menciona a presença de *Lázaro, Marta e Maria* (Jo 12, 1), um ambiente familiar, embora sem especificar se Jesus estava na casa deles. Marcos e Mateus situam o evento na casa de *Simão, o leproso* (Mc 14, 3b; Mt 26, 6b); enquanto Lucas o coloca na *casa de Simão, o fariseu* (Lc 7, 36a. 40). Essas variações refletem as preferências de cada evangelista: João destaca a intimidade de Jesus com seus amigos. Marcos e Mateus enfatizam a presença de uma pessoa enferma, e Lucas ressalta a misericórdia de Jesus ao interagir com um fariseu e uma mulher pecadora. João apresenta Marta como a figura que assume o serviço, configurando-a como paradigma de discípula que, movida pelo amor ao Senhor, dedica-se ao serviço à comunidade. A teologia do serviço é uma inclusão joanina, enfatizando uma característica fundamental do discípulo e da discípula de Jesus: estar livre a serviço da comunidade (Jo 12, 2).

(d). João também reinterpreta o sujeito da unção. Em Marcos e Mateus uma *mulher* anônima se aproxima com um frasco de alabastro, quebra-o e derrama o *perfume de nardo caríssimo* sobre a *cabeça* de Jesus (Mc 14, 3; Mt 26, 7). Em Lucas é uma *mulher pecadora* que, aproximando-se por detrás, unge os pés de Jesus (Lc 7, 37). Já o evangelista João, por sua vez, dá rosto e nome à mulher que unge Jesus. Seu nome é *Maria*, a irmã de Lázaro e Marta (Jo 11, 3. 5.19; 12, 1).

(e). As narrativas diferem quanto ao membro do corpo ungido e na forma da unção. Em Marcos e Mateus, a *mulher* derramou o *nardo* sobre a *cabeça* de Jesus. Em Lucas, a *mulher pecadora* unge os *pés* de Jesus. Ela se aproxima de Jesus por detrás, chorando, asperge suas lágrimas sobre os pés de Jesus, seca-os com os cabelos, beija-os e, em seguida *unge-os com o perfume* (Lc 7, 38). João concorda com Lucas quanto ao membro ungido, todavia, investe o modo da unção, detalhando-a de maneira distinta. Maria pega uma *libra*, equivale a 327,45g,¹¹ de *perfume de nardo autêntico e precioso* e unge os *pés* de Jesus. Em

9 João registra três visitas de Jesus a Jerusalém ao longo de sua vida pública e, Betânia se destaca como cenário de eventos cruciais em seu evangelho: (1) a morte e ressurreição de Lázaro (Jo 11, 1-44), (2) o plano dos judeus para assassinar Jesus (Jo 11, 45-57), (3) a unção em Betânia (Jo 12, 8); (4) e a decisão dos chefes dos sacerdotes de matar Jesus (Jo 12, 9-11).

10 Os textos citados em português foram extraídas da Tradução Oficial da CNBB (Bíblia [...], 2019).

11 A *litra*, ou libra romana, era uma unidade de peso utilizada na Roma Antiga, equivalente a doze *unciae* (onças romanas). Cada *uncia* correspondia a aproximadamente 27-273 gramas, de modo que a *litra*

seguida, os enxuga com seus cabelos (Jo 12, 3). João detalha a ação de forma profunda e silenciosa para sublinhar a generosidade e a devoção de Maria em seu gesto de amor por Jesus.

Conforme João 12, 3b, *A casa ficou cheia de perfume*. Trata-se de outra genuína inclusão de João, que ressalta como o ambiente se impregnou do perfume que exalava do corpo de Jesus. Maria, a discípula que constantemente se encontra aos pés do Senhor, simboliza essa *casa* que respira e transpira o bom perfume de Cristo. A casa onde os discípulos de Jesus se reúnem deve exalar o aroma do bálsamo legítimo, que é o próprio Senhor. Konings (2005, p.234) afirma que João acrescenta esse detalhe para destacar tudo o que exalta a figura de Jesus (19, 39), ressaltando a importância de sua presença e atuação.

(f). Surgiram reclamações com motivações diversas e as narrativas apresentam incongruências. Marcos 14,5 afirma que alguns ficaram indignados, tendo como motivo o alto custo do nardo: *porque não se vendeu o bálsamo por trezentos denários* (Mc 14, 5). Mateus difere de Marcos ao identificar que as queixas contra a mulher anônima partiram de alguns dos *discípulos* (Mt 26, 8), embora a motivação permaneça a mesma. Lucas, por sua vez, desloca o foco narrativo para Simão, que, ao expressar desagrado e repreensão, se opõe a Jesus por permitir ser tocado por uma *mulher pecadora*. Para Simão, um fariseu piedoso, tal atitude representa um escândalo, ao priorizar o cumprimento da lei em detrimento da misericórdia (Lc 7,39). Além disso, Lucas omite qualquer menção à venda do *bálsamo*. João, por fim, atribui a repreensão a Maria a *Judas, o Iscariotes*, um dos discípulos de Jesus (Jo 12, 4). João retoma Marcos e Mateus ao indicar que a motivação da reclamação era o alto preço do perfume e sua possível venda por *trezentos denários*,¹² bem como a sugestão de que os recursos fossem destinados aos pobres (Mc 14, 5; Jo 12, 5). Contudo, João atribui a reclamação a Judas para revelar suas verdadeiras intenções: *disse, porém, isso, não porque se importava com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, levava o que lançava dentro* (Jo 12, 6).

Em João, a interpretação de Jesus alinha-se à tradição de Marcos e Mateus, situando a unção como preparação para o seu sepultamento (Jo 12, 7; Mc 24, 7; Mt 26, 12), informação é omitida por Lucas. João, Marcos e Mateus convergem quanto à importância dos pobres: *Pois pobres sempre tereis convosco, a mim, porém nem sempre tereis* (Jo 12, 8; Mc 14, 7; Mt 26, 12). Todavia, tal afirmação não indica preferência por Jesus em detrimento dos pobres, mas remete a Dt 15, 7-11, que ordena o cuidado com os empobrecidos. Essa referência, entretanto, também não se encontra na narrativa lucana.

4. A Unção em Betânia segundo João

Quanto à estrutura, a narrativa da unção em Betânia, no Evangelho de João (12, 1-8), apresenta a seguinte forma: (a) inicia-se com a contextualização do ambiente em

totalizava cerca de 327,45–238 gramas. Essa medida era empregada no comércio, na pesagem dos metais e alimentos, sendo mencionada em Jo 12, 3 e 19, 39 (Bíblia [...], 2020, p. 2022, nota “a” a Jo 12,3).

12 O denário era uma moeda de prata que equivalia a um dia de trabalho (Mt 20,2), pesando cerca de 4,55g. Com um denário era possível alimentar cerca de 25 pessoas (Mc 6,37). O valor de 300 denários (Jo 12,5; Mc 14,4) correspondia a cerca de 11 meses de trabalho.

que os acontecimentos ocorreram (v. 1-2); (b) prossegue com a descrição do gesto de Maria aos pés de Jesus (v. 3); (c) segue com as observações de Judas Iscariotes (v. 4-6); e (d) conclui com a resposta de Jesus (v. 7-8) (BROWN, 2004, v. II, p. 479).

4.1. João 12, 1-8: Tradução¹³

1		<i>Então Jesus, seis dias antes da Páscoa, foi a Betânia onde estava Lázaro, a quem Jesus erguera dos mortos.</i>
2	a	<i>Fizeram, pois, uma refeição para ele ali,</i>
	b	<i>e Marta servia,</i>
	c	<i>e Lázaro era um dos que [estavam] reclinados com ele.</i>
3	a	<i>Então, Maria, tendo tomado uma libra de bálsamo de nardo legítimo e muito caro, ungiu os pés de Jesus e enxugou-os com os cabelos dela os pés dele.</i>
	b	<i>e a casa ficou repleta do perfume de bálsamo.</i>
4		<i>Mas Judas, o Iscariotes, um dentre seus discípulos, o que a ele iria trair, disse:</i>
5		<i>“Por que não se vendeu o bálsamo por trezentos denários para ser dado aos pobres?”</i>

13 Algumas variantes textuais na perícopa de João 12,1-8 merecem destaques por sua relevância textual, teológica e hermenêutica. No v. 1, o manuscrito $\mathfrak{P}66$ registra *pénte, cinco*, em vez de *hex, seis*, indicando a tradução *cinco dias antes da Páscoa*, em contraste com a leitura majoritária. Ainda, no v. 1, os manuscritos \aleph , B, L, Códice Regius e W, acrescentam a proposição, *ho tethnēkōs, aquele que morreu*, para descrever *Lázaro*, recordando o evento de sua morte e o milagre da ressurreição (Jo 11, 14.21). No v. 2, os manuscritos $\mathfrak{P}66$, D e Θ omitem a proposição: *kai diēkonei Martha, e Marta servia*, enquanto os manuscritos A, D, K, W, Θ e a maioria bizantina (\mathfrak{M}), omitem a frase, *ek tōn anakeimenōn syn autō, dos que reclinados com ele*; por outro lado, os manuscritos $\mathfrak{P}66$, \aleph , B e L preservam o texto completo, igualmente conservado por Orígenes. No v. 3, a omissão do substantivo *nardou, nardo*, nos manuscritos $\mathfrak{P}66$, D e nas versões itálicas, indica a possível existência de um texto mais antigo. As variantes do v. 4 apresentam Judas de maneiras distintas: os Manuscritos D, *f*¹, 565 e a Vulgata acrescentam *Ioudas Simonos Iskariōtēs, Judas, [filho] de Simão, o Iscariotes*. Enquanto o Códice D registra também *apo Karyōtou, de Iscariote*, sugerindo uma origem geográfica; em outros manuscritos, como Ψ e l221l, ocorre a forma genitiva *Iskariōtou, o Iscariotes*. Essas informações são relevantes para a compreensão da caracterização do personagem. As variantes do v. 7 giram em torno do verbo *tēreō, guardar, preservar*: algumas testemunhas textuais (A, Γ , *f*¹), conservam o indicativo perfeito *tetērēken, ela guardou*, indicando uma ação concluída, enquanto o Texto Majoritário (\mathfrak{M}) e a Siríaca Filoxeniana (SY^{ph}), trazem a forma subjuntiva *tērēsei, que ela o guarde*, sugerindo um propósito futuro. Por fim, alguns manuscritos omitem total ou parcialmente o v. 8: o manuscrito D elimina o versículo por completo, enquanto os $\mathfrak{P}75$ e 892s e a siríaca antiga (sys) omitem a frase, *meth' heautōn, eme de ou pantote echete, a mim, porém, nem sempre tereis*. Essa frase pode ter sido acrescentada posteriormente para enfatizar a centralidade de Jesus na narrativa (Nestle; Aland; Aland, 2012, p. 341-342).

6		<i>Disse, porém, isso, não porque se importava com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, levava o que lançava dentro.</i>
7	a	<i>Disse, porém, Jesus:</i>
	b	<i>“Deixai-a, pois ela deve guardá-lo para o dia do meu sepultamento.</i>
8		<i>Pois pobres sempre tendes com vós mesmos, a mim, porém, nem sempre tereis.</i>

4.2 Jesus em Betânia (v. 1-2)

João apresenta com notável exatidão a cronologia dos eventos da última semana de vida de Jesus. Em primeiro lugar, ele situa o leitor no tempo e no espaço: *Então, Jesus, seis dias antes da Páscoa, foi a Betânia*. A conjunção *oun, portanto / então*, introduz a narrativa e os personagens, ao mesmo tempo, em que marca transição interna, exercendo dupla função: progresso narrativo e delimitação da perícopes. Primeiramente, estabelece um vínculo com a perícopes anterior (Jo 11, 55-57), que menciona as peregrinações a Jerusalém para a purificação¹⁴ em preparação à *Páscoa dos judeus* e ressalta a preocupação dos sacerdotes e fariseus com a presença de Jesus, pois já haviam ordenado que, caso alguém o visse, deveria denunciá-lo para que fosse preso. Ademais, a conjunção *oun* evidencia a decisão deliberada de Jesus de ir a Jerusalém para a festa, aparentemente, como escreve Ridderbos (1997, p. 412), sem se importar com a ordem do sinédrio. O contexto ampliado informa que, no *dia seguinte* (Jo 12, 12a), Jesus foi recepcionado solenemente por uma *grande multidão* em Jerusalém (Infante, 2000, p. 35). Esses dois elementos externos são fundamentais para a delimitação da perícopes.

Em João 12, 1a, a narrativa situa o leitor no contexto da união por meio da preposição *pro*, que tem um duplo sentido: (a) espacial, *antes de*, e (b) temporal, *antes*. Aqui, seu uso é claramente temporal, indicando que a união ocorreu *seis dias*¹⁵ *antes da Páscoa* (v.1a), celebrada no 14° / 15° dia do mês de *nisā* [início de abril], rememora o êxodo de Israel do Egito (Ex 12, 6.14) (Haubeck; Siebenthal, 2009, p. 618). Ao mencionar a Páscoa, João não a define, como de costume, como a dos judeus, pois sua intenção é destacar a Páscoa de Jesus.¹⁶

Em seguida, João situa a narrativa em *Betânia*, cidade onde se encontrava Lázaro (v. 1b). Lázaro desempenha um papel central tanto na vida de Jesus quanto na comunidade de Betânia, funcionando como testemunha da intervenção divina, para quem nada é impossível. A narrativa da sua morte e subsequente revivificação (Jo 11, 1-44), marcada por intensa carga emocional (Jo 11, 3.33). Jesus aparece chorando (Jo 11, 35), evidenciando sua humanidade, enquanto Lázaro se torna um sinal da glória de Deus,

14 Para participar da Páscoa, os judeus precisavam estar em estado de pureza. Por isso, realizavam rituais de purificações e se abstinha de tocar em mulheres, a fim de poderem comer a Páscoa (Nm 6,9-13; Ex 19,10-15).

15 Na numerologia bíblica, o numeral seis expressa incompletude. É o número do ser humano, que foi criado no sexto dia (Gn 1), enquanto Deus descansou no sétimo dia. Em Ex 24,16, a glória do Senhor permaneceu por seis dias sobre Sinai, e, durante esse período, as nuvens o cobriam; no sétimo dia, Deus se fez presente. Em Jo 2, Jesus ordena que encham as seis talhas de pedra que estavam vazias.

16 João, sempre que se refere à Páscoa em Jerusalém, a denomina “*Páscoa dos judeus*” (2,13; 6,4, 11,55; 12,1).

manifestada “por e em” Jesus (Jo 11, 4).

O v. 1b é uma proposição explicativa acerca de Lázaro: *a quem Jesus erguera dentre os mortos*. Jesus é quem *levanta* os mortos, enquanto *Lázaro* simboliza a ressurreição, tanto dos discípulos de Jesus quanto do próprio Jesus (Jo 21, 14), o qual é a “Ressurreição e a Vida” (Jo 9, 25) (Konings, 1993, p. 159). Betânia tornou-se, assim, o lugar onde a morte se transforma em vida. Contudo, conforme observa Konings (2005, p. 233), a menção à ressurreição de Lázaro neste ponto revela-se supérflua, funcionando como um recurso redacional destinado a unificar os acontecimentos do capítulo 12.

No v. 2, a narrativa explicita o motivo da visita de Jesus em *Betânia*: ele foi para uma *refeição*. Marta surge no texto por meio de uma proposição simples no v. 2b: *e Marta o servia*. Ela é retratada como servidora, à semelhança de uma diaconisa (Rm 16,1), exercendo seu serviço na casa e na comunidade como expressão de amor. Como escreve Infante (2000, p. 41), Marta é um modelo de discípula livre e incansável, dedicada ao serviço do corpo de Cristo. Ainda no v. 2c, aparece a informação de que Lázaro era um *dos que reclinaram com ele* [Jesus] *para a refeição*. No capítulo 11, Lázaro estava deitado no túmulo, *morto* e em estado de decomposição, pois havia sido enterrado há quatro dias (Jo 11, 39). Agora, livre das ataduras (Jo 11, 44), encontra-se à mesa, reclinado ao lado de Jesus. Contudo, as personagens centrais da narrativa permanecem sendo *Jesus* e *Maria*.

4.3 *Maria unge os pés de Jesus (v. 3)*

Embora a presença de *Maria* não tenha sido mencionada quando seus irmãos foram apresentados (v. 1-2), nem cidade (v. 1), da casa e dos que estavam a à mesa, o evangelista a introduz explicitamente no v. 3, conferindo-lhe centralidade narrativa e função teológica no desenvolvimento da perícopa. O relato se desenrola em completo silêncio, evocando um momento de elevação mística: A cena é introduzida pela conjunção, *oun, então*, que remete a João 11, 2, estabelecendo uma sequência causal e temporal com os acontecimentos do v. 2 e coordenando as ações de *Maria* no v. 3. Dessa forma, a narrativa evidencia sua atitude de gratuidade e devoção. Assim como Marta, Maria se coloca a serviço de Jesus e dos convidados. João descreve o agir de Maria por meio de três verbos no aoristo, em português, pretérito perfeito, sublinhando a conclusão e intensidade de seus gestos.

a	<i>Então, Maria,</i>
b	<i>tomando [uma] libra de bálsamo de nardo legítimo e muito caro,</i>
c	<i>ungiu os pés de Jesus</i>
d	<i>e os enxugou com os cabelos dela os pés dele.</i>
e	<i>e a casa ficou repleta do perfume de bálsamo.</i>

O v. 3b enfatiza tanto a abundância quanto o elevado valor econômico do *nardo*. A menção a *uma libra*, considerando que se tratava de um produto importado da Índia, indica que a aquisição desse perfume demandava significativo investimento financeiro. O *perfume de nardo* é descrito como *legítimo e muito caro*; o adjetivo *legítimo*, aparece aqui singularmente na literatura bíblica, conferindo ênfase à autenticidade e à qualidade do perfume. O nardo que é um óleo aromatizante utilizado em celebrações festivas (Am 6, 6; Pr 27, 9; Is 25), em contextos litúrgicos, como óleo da unção (Ex 30,25; 1Cr 9,20), em rituais funerários (2Cor 16, 4) e, ainda, em ocasiões esponsais (Ct 1, 3-4), evidenciando seu valor simbólico e social.

Os v. 3cd constituem o núcleo da perícope, concentrando a atenção nos verbos *ungiu* e *enxugou*. Ambos têm *Maria* como sujeito e *os pés de Jesus* como objeto direto. O verbo *ungi*, no indicativo aoristo, descreve a ação realizada por Maria: ela *ungiu* os pés de Jesus, exaustos da viagem que antecederia sua entrada em Jerusalém. Trata-se de um gesto de honra e hospitalidade, semelhante à atitude de Abraão em Genesis 18, 4, ao receber os três visitantes: reconhecendo uma manifestação divina, oferece-lhes água para lavar os pés e sombra para descanso, em atitude de reverência. Maria, entretanto, transcende essa prática: oferece a Jesus o perfume mais valioso da época, importado da Índia, simbolizando um presente reservado àquele que ocupa a posição mais elevada no coração de quem o oferece (Ct 7, 6).

O verbo *enxugar*, no indicativo aoristo, expressa o amor de Maria por Jesus, pois ela *enxugou* os pés de Jesus com os cabelos. Após *ungi-los* com *nardo legítimo*, Maria parece almejar outro perfume: o da misericórdia e da esperança que brota da ternura de Jesus. Assim, ela utiliza seus *cabelos* para absorver o aroma do gesto sagrado. Maria aparece frequentemente aos pés de Jesus e, neste versículo, essa posição é mencionada por duas vezes, reforçando sua centralidade. Seu gesto não se explica somente pelo fato de Jesus estar reclinado à mesa, mas revela a reverência que ela nutre por Ele. Trata-se de um amor que dispensa palavras, capaz de irradiar, envolver a casa, alcançar a comunidade e, subsequentemente, atravessar a história do cristianismo, continuando a se difundir por meio do anúncio do Evangelho (Mc 14, 9; Mt 26, 13) (Ridderbos, 1997, p. 414).

No v. 3e, João relata que *a casa ficou repleta do perfume*. O sujeito da oração, *a casa*, está ligado ao verbo *eplērōthē*, traduzido como *ficou repleta*, quando conjugado no aoristo indicativo passivo, enfatiza não somente a completude da ação, mas também o efeito imediato e perceptível da ação sobre o sujeito, transmitindo a ideia de um preenchimento total e consumado. Na tradição bíblica, *a casa* pode representar o santuário (1Rs 8, 10; 2Cr 5, 14), simbolizar a família (2Sm 7, 1-17; Mt 10, 12), o corpo humano ou ao Reino de Deus (Jo 8, 35; 14, 2) (Infante, 2000, p. 48). Nesse contexto, João parece sugerir que a comunidade dos discípulos de Jesus é a nova casa, aquela que exala o perfume de Cristo. Os cabelos perfumados de Maria podem ser interpretados como símbolo dessa comunidade que carrega e difunde o Evangelho, o qual é o perfume de Cristo e do cristão (Ct 1, 3; 2Cr 2, 15-17; Ef 5, 2).

Por fim, como escreve Brown (1966, p. 454), a ação de Maria possui um caráter profético. No Antigo Testamento, as cabeças de sacerdotes e reis eram ungidos para assinalar o começo de seu sacerdócio ou reinado, como a unção de Saul, como rei (1Sm 10, 1) e de Aarão para exercício do sacerdócio (Ex 28,39-43). Maria unge Jesus enquanto Ele se prepara para a morte, com uma unção que reflete sua vida dedicada ao serviço. Trata-se de uma unção régia, preparando-o para sua entrada em Jerusalém, ocasião em

que assumirá sua posição como rei. Jesus será coroado de espinhos, revestido de púrpura e entronado na cruz, e sobre sua cabeça será colocado um letreiro que proclama sua realeza (Jo 19, 19-20).

4.4 O olhar de Judas (v. 4-6)

Nos v. 4-6, um novo personagem aparece na narrativa: *Judas, o Iscariotes, um dos discípulos dele*. João apresenta Judas como parte do grupo; todavia, fica claro que já não pertencia verdadeiramente à comunidade, pois suas palavras e atitudes revelam sua conduta ilícita e ausência de amor por Jesus.

No v. 5, ao perceber, pelo aroma, que Maria unge os pés de Jesus com *bálsamo de nardo legítimo*, Judas protagoniza uma das cenas mais hipócritas do Novo Testamento. Afinal, trata-se de um discípulo de Jesus que, sob pretexto de preocupação com os empobrecidos, dissimula suas verdadeiras intenções.

A reação de Judas diante da cena de Maria aos pés de Jesus e do aroma do *bálsamo de nardo legítimo* revela traços marcantes de sua personalidade. Em primeiro lugar, Judas apresenta-se como conhecedor de especiarias importadas e de alto valor, demonstrando um interesse particular por bens de elevado custo. Além disso, consegue avaliar o grau de pureza do *nardo* e estimar seu valor econômico em *trezentos denários*. Para Maria, no entanto, tais aspectos são irrelevantes; ela não calcula nem considera o custo do perfume. Ela entende que o perfume é precioso e, por isso, o reserva para Jesus, oferecendo-lhe o melhor como expressão de seu amor (Infante, 2000, p. 50; Brown, 1966, p. 453).

Para Judas, a unção dos pés de Jesus com *nardo legítimo* realizada por Maria é um desperdício. Todavia, sua alegada preocupação com os pobres (v. 5b), não passava de uma simulação, pois seu verdadeiro interesse está nos *trezentos denários* que poderiam ser depositados na bolsa comum, sob sua administração. No v. 6, João caracteriza Judas como ladrão, enquanto Mateus (26, 15) o descreve amante do dinheiro, tornando-se, assim, servo de Satanás (Jo 13, 2.27). Como o responsável pela bolsa comum, Judas se apropriava do que nela depositava, revelando sua desonestidade: *mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, levava o que se lançava dentro*. Assim, Judas se aproxima da figura do mercenário, que não se importa com as ovelhas, mas as abandona ao lobo devorador (Jo 10, 1-19).

4.5 A resposta de Jesus (v. 7-8)

A resposta de Jesus não somente interpreta os gestos de Maria em contraposição às observações de Judas mas também, revela o sentido e o significado da unção. Primeiro Jesus acolhe Maria, afirmando que sua unção foi em vista do sepultamento: “Deixai-a, pois ela deve guardá-lo para o dia do meu sepultamento”. Com essa resposta complexa e categórica aos comentários de Judas, Jesus valida o gesto amoroso de Maria e lhe confere um significado profundo e proleptico. Para Jesus, a unção em Betânia é o início da preparação de seu corpo para o sepultamento (Ridderbos, 1997, p. 417). A prolepse do v. 7 indica que a morte de Jesus não era somente uma possibilidade, mas uma certeza que se consumaria em breve. Além disso, antecipa a unção régia que seria, posteriormente, realizada, por José de Arimateia e Nicodemos, ao prepararem o corpo de Jesus

para o sepultamento (Jo 19, 38-40).

O verbo *guardar*, utilizado por Jesus para caracterizar os gestos de Maria, estabelece um contraste entre Maria e Judas. Maria é a discípula que sempre escolhe a melhor parte, ou seja, *escutar e guardar* as palavras de Jesus (Jo 8, 51.52.55). Em oposição, está Judas que, embora faça parte do grupo dos discípulos de Jesus, age como um traidor. Diferentemente de Maria, Judas não escuta nem guarda as palavras do mestre e, por isso, tornou-se um discípulo de Satanás, colaborando no plano para matar Jesus (Jo 13, 2-27) (Konings, 1993, p. 157).

Segundo Schnackenburg (1980, v. II, p. 369), no v. 8 Jesus responde a Judas surpreendentemente, revelando a orientação cristológica de João, ao afirmar: *pobres sempre tereis convosco, a mim, porém, nem sempre tereis*.¹⁷ Ainda que esse hemistíquio esteja ausente em alguns manuscritos, não se trata de uma supervalorização de Jesus em detrimento dos pobres. Para Konings (1993, p. 159), longe de opor Jesus aos pobres, o texto propõe uma equiparação. No entanto, naquele momento específico, Jesus estava preste a ser retirado do convívio com seus discípulos, enquanto os pobres permaneceriam, devendo continuar a ser ungidos, amados e servidos pelos discípulos, conforme prescreve a Torá (Dt 15, 4-11).

Jesus esclarece que a hora da fé é agora, porque, *nem sempre o teriam*.¹⁸ Portanto, o gesto de Maria é uma profissão de fé que ocorre após testemunhar a ressurreição de seu irmão Lázaro, ela testemunha, por meio da unção, quem é Jesus (Schnackenburg, 1980, v. II, p. 370). Movida por um profundo amor por Jesus, Maria percebe que aquela era a ocasião propícia para testemunhar, a todos, a importância de Jesus em sua vida.

5. Conexão entre Jo 12,1-8 e 19,39-40

39	<i>E veio também Nicodemos, o que viera a ele de noite a primeira vez, trazendo mistura de mirra e aloés, cerca de cem libras.</i>
40	<i>Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o ataram com ataduras, junto com os óleos aromáticos, conforme o costume dos judeus de sepultar.</i> ¹⁹

A resposta de Jesus (Jo 12,7) às objeções de Judas (12,5-6) deve ser compreendida à luz de sua função hermenêutica: a unção realizada por Maria em Betânia não constitui apenas um gesto de devoção, mas prefigura a unção fúnebre destinada a preparar o corpo de Jesus para o sepultamento (19,39-40). Essa explicação justifica o gesto de

17 A resposta de Jesus a Judas recorda o mandamento de cuidar dos pobres em Dt 15,11.

18 O tema da partida de Jesus está presente em João em diversas passagens (7,33; 8,21, 9,4; 10,17; 11,9; 17,11).

19 No v. 39, os manuscritos \aleph Ds K N acrescentam *ton Iēsoun*, *Jesus*, para identificar o encontro de Nicodemos com Jesus; contudo, a leitura mais breve *pros auton*, *a ele*, atestada em $\mathfrak{P}66c$ A B L Ψ , é preferida por sua antiguidade. Ainda nesse versículo, \aleph e \mathfrak{W} substituem o verbo *pherōn*, *trazendo*, por *echōn*, *tendo*. Já no v. 40, os manuscritos A, Ds, Γ , Δ e Θ inserem a preposição *em*, *em* / *dentro de*, antes de *othoniois*, *lençóis*, para esclarecer o texto, contudo, a leitura mais breve, preservada em $\mathfrak{P}66$, \aleph e B, é considerada a mais autêntica.

Maria e estabelece uma continuidade teológica entre o ato presente e o evento futuro da paixão. Ao vincular o amor e entrega de Maria ao sofrimento e à morte de Jesus, João destaca a verdadeira compreensão da identidade de Jesus como Messias que se entrega.

Na narrativa de Jo 19,39-40, Nicodemos *leva cerca de cem libras de uma mistura de mirra e aloés* para embalsamar o corpo de Jesus (19,39b). O corpo é envolto em panos de linho e óleos aromáticos sendo depositado no sepulcro. A abundância de especiarias evoca não somente a dignidade régia do sepultamento de Jesus, mas também revela que seu corpo estava totalmente envolto em aromas preciosos, como sinal de honra e devoção. Assim como em Betânia, quando a casa ficou cheia do perfume, o túmulo também foi impregnado da fragrância, não apenas da mirra e aloés, mas do perfume que é Jesus. Esse aroma evoca a antecipação da ressurreição e simboliza a vitória de Jesus.

Em Betânia, Maria ungiu os pés de Jesus com uma *libra de bálsamo de nardo legítimo*, enquanto, em Jerusalém, Nicodemos trouxe cerca de *cem libras de uma mistura de mirra e aloés* para o sepultamento. Esses dois episódios, unidos pela simbologia do perfume, revelam a reverência de João por Jesus. O gesto de Maria é interpretado como um ato de amor intenso, capaz de perfumar toda a casa e provocar reações controversas. Por sua vez, a oferta de Nicodemos — aproximadamente 32,745 kg de especiarias — confere ao corpo de Jesus um tratamento régio, digno de reis. Tal abundância, que impregna o túmulo com fragrâncias, ecoa a atmosfera criada em Betânia e antecipa a proclamação da realeza de Jesus em João 19, 19b, onde se lê: *Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus*. (Brown, 2004, v. II, p. 462).

Concluimos recordando as palavras de Johan Konings, que, ao analisar essa passagem, escreve:

Nicodemos traz uma quantia de ervas e produtos aromáticos suficiente para embalsamar um rei. Se foi irônica a proclamação do crucificado como ‘o Rei dos Judeus’, essa ironia esconde uma verdade: ele é aquele que o verdadeiro israelita saúda como ‘rei de Israel’ (Jo 1,49). Diferentemente do que narram os sinóticos, Jesus é embalsamado antes de ser envolvido em panos de linho (Jo 20,1). Além da quantidade principesca dos aromas, chama a atenção o fato de não se tratar propriamente de bálsamo para mortos, e sim de perfumes para vivos, para o ‘filho do rei’, como mostram, por exemplo, Ct 3, 6 e Sl 45, 9. O enterro acontece segundo o costume dos judeus (Jo 19, 40b). João transforma o sepultamento com as cores do simbolismo messiânico-nupcial (Jo 2,1-11; 12,1-8) (Konings, 2005, p. 343-344).

Considerações finais

A unção de Jesus em Betânia coloca os discípulos e missionários diante de uma dinâmica essencial para a compreensão do verdadeiro discipulado. Na narrativa, João apresenta diferentes personagens, modelos de discípulos: Lázaro, o morto ressuscitado por Jesus; Marta, a diaconisa que serve a comunidade com amor e gratuidade; Maria, a discípula que escuta a Palavra e guarda os detalhes; e Judas, cujas palavras e expressões revelam intenções escusas em relação aos bens da comunidade. O discipulado, portanto, constitui um desafio permanente, válido para o passado, o presente e o futuro.

Para o Evangelho de João, a unção em Betânia assume um propósito definido: a

preparação do corpo de Jesus para o sepultamento. O episódio, situado às vésperas da Páscoa dos judeus (Jo 11, 55; 12, 1), reveste-se de significado teológico. Betânia, como símbolo da comunidade, é o lugar da vivência do discipulado, da experiência de fé e do encontro com o Senhor.

O verdadeiro discípulo é aquele que, à semelhança de Maria, Marta e Lázaro, se torna portador do perfume de Cristo. Nesse sentido, Betânia simboliza a Igreja, que unge o corpo místico de Cristo, especialmente os pés, imagem que traduz o serviço aos empobrecidos. A Igreja serve ao Senhor no cuidado aos necessitados, ungindo-lhes os pés com o testemunho e nutrindo-os com a Palavra e a vida. O gesto profético de Maria, ao ungir os pés do Senhor, proclama sua identidade e antecipa a missão pastoral da Igreja de Cristo.

Referências

- ALAND, Kurt. *Synopsis Quattuor Evangeliorum*. 15. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1996.
- BIBLEWORKS, LLC. *Bible Works for Windows*. Versão 10.0.4.114. Norfolk: BibleWorks, LLC, 2018. 1 CD-ROM.
- BÍBLIA: Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 2020.
- BÍBLIA Sagrada: Tradução Oficial da CNBB. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BROWN, Raymond E. *A Morte do Messias: Comentário das Narrativas da Paixão nos Quatro Evangelhos*. São Paulo: Paulinas, 2004. v. II.
- BROWN, Raymond E. *The Gospel According to John*. New York: Doubleday & Company, 1966.
- CARSON, Donald. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- FABRIS Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola. 2008.
- HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich von. *Nova chave linguística do Novo Testamento grego: Mateus – Apocalipse*. São Paulo: Targumim; Hagnos, 2009.
- INFANTE, Renzo. Maria di Betania e l'unzione di Gesù: 12,1-8. *Vetera Christianorum*, Bari, v. 37, 2000. p. 35-55.
- KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 149-161.
- KONINGS, Johan. Jesus ou os pobres? Análise redacional e hermenêutica de Jo 12,1-8. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n 25, 1993.
- KONINGS, Johan. *Sinopse dos Evangelhos Canônicos e da Fonte Q*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2025.
- MARTELLI, Luna. L'unzione di Betania: per la resurrezione di un re e di un dio (Gv 12,1-8). *Eikasmos*, Bologna, v. 20, p. 227-242, 2009. Disponível em: https://www2.classics.unibo.it/eikasmos/eik_pdf/2009/Martelli_09pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.
- NESTLE, Eberhard; ALAND, Kurt; ALAND, Barbara (eds.). *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- RIDDERBOS, Hermans. *The Gospel according to John: A Theological Commentary*. Michigan: Cambridge, Willian B. Eermans Publishing Company, 1997.
- SCHNACKENBURG, Rudolf. *The Gospel according to St John*. Tunbridge Wells: Burns & Oates, 1980. v. II.

Estudos Bíblicos



Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
 © 2025 aos autores.
 Publicado e Distribuído por ABIB



Revista Oficial da
 Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica